

Para resumir em poucas palavras o que já foi dito sobre o mundo cristão, diria que ele oferece quatro planos de visão e de compreensão. São eles a visão externa, que revela o mundo e com ele Deus Pai, a visão interna, que revela a alma e com ela o Espírito Santo, a visão imediata, que revela Deus Filho, e a visão do abismo, que não revela nada, e por isto revela o diabo. Estes quatro planos se cruzam e não podem ser separados, eles formam as quatro faces da realidade. Ou, para ser mais exato, as três faces de realidade e a quarta face, que é a negação da realidade, e por causa disto a completa. Já tentei dar uma ideia daquilo que os cristãos enxergam, quando se mergulham na visão externa e interna, e pouco poderei dizer, neste estágio da nossa análise do pensamento europeu, da visão do abismo. Dela terei que tratar quando falar da atualidade. Hoje quero dizer que essa visão foi admiravelmente resumida na seguinte Rubaiyat: "And this is all the wisdom I could reap, I came like water and like wind I go (Eis a sabedoria toda que colhi, vim como água, como vento ~~vante~~ vou)". Digo isto para provar que o existencialismo é mais antigo de que Kierkegaard e Nietzsche. Ele é, creio eu, tão antigo como o cristianismo. Quero resumir o fio aonde o deixei cair na última quarta-feira; na discussão da visão imediata da realidade, na discussão da Segunda Pessoa da Trindade. Tentei dividir essa visão em duas partes, a política e a privada, e tentei mostrar como, para o cristão, a história da humanidade é, no fundo, sinônimo com a revelação progressiva do Cristo. Comecei com a tarefa árdua de tentar de mostrar como também a história da vida humana individual é, para o cristão, a revelação progressiva do Cristo em sua alma. Dei dois exemplos dessa afirmativa: o mergulhar na prece e o sacramento da comunhão, para ilustrar o que Paulo tinha em mente quando falava em "estar em Cristo". No entanto, para podermos apreciar o que o Cristão entende por Cristo, é necessário discutir um conceito muito difícil e tipicamente cristão, o conceito da graça.

Definirei esse conceito, com palavras pouco apropriadas, da seguinte forma: O amor que Deus nos tem, inunda a nossa alma como um canal de irrigação inunda o campo, e torna possível, mas não necessário, o brotar da fé e a consequente visão do Cristo. Tem campos férteis que são pouco irrigados, e campos amplamente irrigados que não produzem, e tem campos arizados que poderiam produzir mas não são irrigados. O conjunto deste sistema de irrigação é aquilo que os cristãos chamam de graça. As plantas que brotam devido a esta irrigação é aquilo que os cristãos chamam de fé, e a colheita ulterior é aquilo que chamam de salvação das almas. A fé é possível somente, quando há graça, e a salvação é possível somente quando há fé, mas a fé não é uma consequência necessária da graça, nem a salvação uma consequência necessária da fé, muito pelo contrário, todo este processo se desenvolve dentro do clima de liberdade. A quantidade da graça que Deus derrama sobre as nossas almas depende da livre vontade de Deus, e a aceitação da graça depende da livre vontade dos homens. Deus é absolutamente livre, Ele pode nos inundar por sua graça, ou pode nos negar sua graça de todo. A liberdade dos homens é limitada, porque depende da quantidade de graça que cada um de nos recebe. Uma alma de tudo desgracada não tem liberdade alguma, uma alma gratia plena tem liberdade absoluta. Não sei, se há almas totalmente desgracadas na opinião dos cristãos, mas sei que há uma alma cheia de graça, a alma da Mãe do Cristo.

Quando falei das origens do cristianismo, chamei sua atenção sobre uma profunda dificuldade que, na minha opinião, se esconde no fundamento de todo o edifício cristão, a saber a dificuldade de sintetizar o conceito judeu e grego da liberdade. Aqui esta dificuldade aparece em toda a sua brutalidade. Em primeiro lugar não creio que o pensamento cristão consegue harmonizar o conceito da liberdade resultante da graça com o conceito da liberdade resultante do pecado original, são duas liberdades que não se encontram. Em segundo lugar não creio que o pensamento cristão jamais digeriu a diferença entre a liberdade divina absoluta e a liberdade relativa do homem. A grande discussão entre o catolicismo e protestantismo tem, na minha opinião, as suas raízes nesse problema. Explicarei melhor esse dilema tão fundamental para toda a civilização europeia:

Deus, ao derramar sua graça sobre os homens, é inteiramente livre. Portanto os motivos da sua ação são inteiramente incompreensíveis. É totalmente impossível para os homens compreender porquê Deus favorece uma alma mais que a outra. Se pudessemos compreender os motivos divinos, estes motivos seriam necessários, e portanto Deus não estaria livre. A própria liberdade divina exclui uma motivação necessária, e exclui, portanto, a compreensão humana. Do nosso ponto de vista humano é difícil harmonizar este aspecto voluntário e imotivado de Deus com a justiça divina. É difícil compreender que Deus, como Deus Pai,

Deus Pai, seja justo, e que Deus, como Deus Filho, seja injusto, isto é que conceda a graça sem nenhum motivo. A Igreja nos ensina que não há contradições, que a graça é por assim dizer um aditivo da justiça, uma coisa a mais que Deus nos concede em seu amor, além da justiça. Mas eu não creio que este argumento humilde seja convincente. O fato persiste que Deus prefere uns aos outros, que não ama todos igualmente, e isto, ao meu ver, é irreconciliável com a justiça divina.

O calvinismo, este radicalismo da esquerda do cristianismo, que, por paradoxo, deu origem não somente aos puritanos mas também a Standard Oil of New Jersey, tira deste aspecto da graça a consequência lógica da predestinação das almas. De acordo com ele a distribuição inequitativa da graça predestina a sorte das almas desde sempre para sempre. Para ele a liberdade do homem é ilusória e se prende ao mundo dos fenômenos, ela é operante somente enquanto a alma está no corpo. No mundo real do além a liberdade não existe, as almas são salvas ou condenadas a priori, e nada que o homem faz pode mudar a sua sorte na eternidade. É fascinante observar como esta metafísica sombria e fatalista deu origem ao liberalismo e capitalismo irrestrito ao se mudar de Genebra para Boston. O calvinismo representa, deste ponto de vista, a extrema reação contra o judaísmo, o qual, por desconhecer a Segunda pessoa da Trindade, desconhece a graça, e com ela a injustiça divina, e é, conseqüentemente, uma religião da liberdade.

As demais correntes do pensamento cristão, menos radicais e lógicas que o Calvinismo, concedem uma liberdade mais ou menos limitada à alma humana, e, em proporção direta com a quantidade dessa liberdade, concedem importância às obras humanas. O pensamento cristão é como um arco-íris, em cujo infravermelho está situado o calvinismo, que nega a liberdade do homem e a importância das obras, e em cujo ultravioleta estão aqueles católicos praticantes e judeus ortodoxos que afirmam a liberdade humana e a importância das obras a ponto de quase negar a importância da graça e da fé dela resultante. O círculo deste arco-íris se fecha naquele ponto ultravermelho e infravioleta, aonde se coloca o marxismo, que nega a liberdade e afirma a importância das obras, negando e afirmando a fé ao mesmo tempo. O grosso do pensamento cristão se coloca nas regiões intermediárias, que admitem a importância tanto da liberdade humana como divina, a importância tanto da fé como das obras. É uma posição logicamente insustentável, mas a única que pode ser assumida na prática. Ela afirma, em outras palavras, que é nosso dever de aproveitar ao máximo a graça que Deus nos concede, e que a salvação da alma depende da maneira, como aproveitamos a graça. E que a justiça divina consiste justamente no último julgamento da alma, quando será pesado o resultado das nossas obras em função da quantidade da graça, da qual partimos. A imagem é aproximadamente a seguinte: Cada um de nós nasce com uma certa matéria-prima a ser transformada em produto manufaturado, o qual deverá ser submetido a um exame de perfeição por um Instituto Tecnológico divino. Mas é o próprio instituto tecnológico que forneceu a matéria-prima. Como fornecedor esse Instituto se chama Cristo, e como examinador, se chama Deus-Pai. Ao examinar o produto, tomara em conta a qualidade e quantidade da matéria-prima fornecida, e a desconfiança do resultado. O seu julgamento será portanto absolutamente justo. O fato de ele nos fornecer a matéria-prima, é um favor, porque sem ela não poderíamos ter concorrido ao exame e teríamos ficado eternamente condenados a ser excluídos do Instituto. Portanto devemos uma gratidão ao Instituto, qualquer que seja a matéria-prima que nos forneceu, ela é, em todos os casos, um sinal do amor que o Instituto nos dedica. Uma vez em posse da matéria-prima, da graça, somos livres de jogá-la fora por preguiça e tristeza de coração, podemos nos recusar a participar do exame. Ou podemos tentar a trabalhá-la, isto é podemos aceitar a graça, em outras palavras nasce a fé em nossa alma. O resultado, o produto manufaturado, será uma combinação da fé e das obras, e será julgado pelo Instituto com rigorosa justiça.

É evidente que a fábula que acabo de lhes contar é inconsistente e nada seria mais fácil do que provar que não pode ser sustentada. No entanto creio que ela representa a opinião confessada ou inconfessada da grande maioria dos cristãos, inclusive dos teólogos oficiais e oficiais. É esta fábula, e não considerações filosóficas ou teológicas rigorosas, que mantêm viva a chama ardente do cristianismo. Aceitar a graça com humildade e gratidão, e pôr as mãos à obra, isto é o que o cristão entende por "estar em Cristo". Cristo, a Segunda pessoa da Trindade, se torna visível, se revela, ao aceitarmos a graça. E para o católico Ele se torna indiretamente visível na contemplação de Maria, a alma cheia de graça, portanto o produto manufaturado absolutamente

perfeito, por ter sido fabricado de materia prima absolutamente perfeita. E quando os protestantes falam em "decidir-se por Cristo", é isto que querem dizer, é aceitar a graça. Quando os místicos nos contam que Deus quer ser tomado, que Ele pede que O aceitemos em Seu amor por nós, ou qualquer que seja a imagem geralmente erótica que os místicos usam, é sempre isto que querem dizer: aceitar a graça. Deus-Pai e o Espírito Santo estão longe de nós, são inteiramente diferentes de nós, e podemos vislumbra-los obscuramente através os fenomenos do mundo ou da nossa alma. Mas Deus-Filho está junto de nós, está sempre ao nosso alcance, poder ser sempre e imediatamente alcançado e possuído na forma da graça. O paraíso, a salvação dependem de um unico ato de nossa vontade, de um ato da fé, dependem simplesmente de querermos aceitar a graça. A qualquer momento Deus-Filho está pronto a ser render a esse ato de nossa vontade, a qualquer momento Ela está pronto, por assim dizer, de se sacrificar por nós dentro da nossa alma.

Já tenho dito, que o conceito de Deus-Filho é o que mais caracteriza o cristianismo. Ele faz com que o cristianismo seja tao intimamente, pessoalmente e individualmente ligado a Deus. Cada cristão toma por si, individualmente e em seu foro intimo, a decisão de aceitar a graça, se decidir por Cristo. Infelizmente nao sei por experiencia propria em que decide essa decisão, esse ato de vontade. Mas imagino que é um mixto de sacrificio, de amor e de humildade. O que é sacrificado é a vontade do homem de decidir por si proprio o que é bom e verdadeiro. O que é amado é o Cristo que se sacrificou e sempre se sacrifica por cada um de nós individualmente. E a humildade reside, creio no contentar-se com o quinhão da graça que o Cristo nos concedeu, no nao querer mais do que o que foi dado, e no querer fazer o maximo na base do concedido. Sómente aquele que for capaz desse ato de vontade, desse sacrificio, desse amor e dessa humildade, é cristão no verdadeiro sentido da palavra. E creio que todo aquele que fez esse ato de vontade é cristão, mesmo se nao o sabe. Todo cresto, os dogmas e os rituais, os sacramentos e as preces, as filosofias e as meditacoes, nao são outra coisa a nao ser instrumentos para conseguir esse ato de vontade. É portanto nessa aceitacao do sacrificio do Cristo, que é um sacrificio proprio, que reside, na minha opiniao, o centro do cristianismo.

Na exposicao de hoje e da semana passada me esforcei por dar uma ideia do mundo cristão, movido por simpatia. Fiz o possivel de me colocar dentro do cristianismo, e se falhei será porque ou nao tenho suficiente graça para ter fé, ou nao tenho suficiente vontade de aceitar a graça. O que farei em seguida será analisar esse mundo cristão de fora, do ponto de vista de um cidadão do seculo vinte, fortemente atraído pelas belezas do pensamento cristão, mas profundamente chocado por suas falhas e suas hipocrisias. Em outras palavras tentarei mostrar, quais os conceitos cristãos que mais profundamente informam o pensamento ocidental, o qual, como um todo, se afastou do cristianismo e continua se afastando.

Tomarei, como primeiro conceito a ser analisado, o conhecimento humano. Já quando tratei do pensamento religioso grego, tive diversas vezes oportunidade de chamar a sua atencao sobre a teoria do conhecimento implicita, e mais tarde explicita, da filosofia dos gregos. É dessa teoria do conhecimento grega que o problema entrou para o cristianismo, mas sofreu, dentro desse banho purificador, grandes modificacoes, e assim modificado, foi nos legado por nossos maiores. ^{Diferen} em poucas palavras, a ideia fundamental do conhecimento implicita na imagem crista do mundo, para depois considera-la sob o prisma da atualidade: O conhecimento humano é possivel, porque existe um paralelismo entre o espirito humano e a natureza. As leis que regem o nosso espirito são as mesmas que regem a natureza. Isto porque tanto o nosso espirito como a natureza são criações divinas e espelham o espirito divino. O que o espirito humano faz, quando "conhece", é justamente o descobrimento das leis intimas suas no fundo dos fenomenos externos. O conhecimento é portanto um reconhecimento de si mesmo. Mas nao devemos dar um sentido demasiadamente socratico a este ponto de vista. A atitude socratica foi superada no cristianismo. Isto porque o reconhecimento de si mesmo, para o cristão, é uma aproximacao da visao de Deus. Estabelecendo o paralelo entre as leis intimas e as leis externas, o espirito humano vislumbra o seu fundamento comum, as leis divinas. Por esta razão é o conhecimento um caminho que pode conduzir a Deus, se bem que por desvios tortuosos e perigosos. O conhecimento consiste, em outras palavras, de aproximacoes progressivas entre o espirito e a natureza e revela, progressivamente, a verdade. A verdade é aquilo que surge quando o espirito corresponde, ponto por ponto, com a natureza, ou vice versa. Uma verdade é parcial, quando uma parte do espirito, por exemplo uma sentença, corresponde po

Cristianismo 4

com uma parte da natureza, por exemplo com um fenómeno determinado. Nesse caso podemos dizer que a sentença é verdadeira, ou, mutatis mutandis, que o fenómeno é conhecido. A verdade seria total, se o espirito humano pudesse corresponder totalmente com a totalidade da natureza. Isto é o ideal e a meta do conhecimento e, se alcançado, significaria, que todo pensamento seria verdadeiro, e toda a natureza seria conhecida. No entanto, esse ideal e essa meta são irrealisaveis, porque tanto o espirito como a natureza são, por assim dizer, series contendo uma infinidade de membros, e é impossível estabelecer uma correspondencia ponto por ponto pelo metodo enumerativo, que é o metodo do conhecimento. Portanto o conhecimento nunca conduzirá até a verdade total, mas produzirá uma soma de verdades parciais sempre crescente. Há um outro metodo de estabelecer-se a correspondencia ponto por ponto entre o espirito e o mundo que não é enumerativo, e esse metodo é a fé. Esta, sim, conduz de um golpe até a verdade total, mas essa verdade assim alcançada não pode ser enumerada. Em outras palavras, a visao total da verdade que a fé proporciona recusa-se a ser analisada em verdades parciais. Vou dar um exemplo: O conhecimento produz a verdade parcial que o Brasil é um paiz da America Latina. Ao pensar a sentença: O Brasil é um paiz da America Latina, o espirito corresponde, ponto por ponto, com o mundo. E corresponde, também, ponto por ponto com a realidade, porque espirito e mundo são copias da realidade. Portanto a sentença citada é verdade e o fenomeno enunciado é conhecido. Pela fé, no entanto, nunca chegaremos a formular a sentença em questao, nem nunca conheceremos o fenomeno mencionado. A fé é sempre total e indivisivel. Os dogmas, esses artigos de fé que parecem contradizer o que acabo de falar, pertencem a outro capitulo e os ignorarei para o momento.

A historia do pensamento ocidental prova, como é fertil e dificil esse conceito do conhecimento e da verdade. Vou citar, para ilustrar a sua fertilidade, somente uns poucos exemplos. É possível, por exemplo, negar que a correspondencia entre o espirito e a natureza seja fundada numa realidade mais funda e comum a ambos. Pode se dizer que isto é uma hipotese desnecessaria. Nesse caso é possível definir-se o conhecimento como a correspondencia dos fenomenos com o espirito, em outras palavras, poder dizer-se que os fenomenos são conhecidos, se e quando correspondem com o espirito. Assim surge o idealismo. Ou pode se definir o conhecimento como correspondencia do espirito com os fenomenos em outras palavras pode dizer-se que o espirito conhece, se e quando corresponde com os fenomenos. Assim surge o materialismo. Ou pode definir-se o conhecimento como correspondencia fugaz e efemera entre o espirito e os fenomenos, por assim dizer um encontro casual entre o espirito e os fenomenos que se fundem para logo se separarem. Assim surge o pragmatismo. Ou pode definir-se o conhecimento como a illusao totalmente subjetiva do espirito de corresponder ~~com~~ com algo que se chama fenomenos, mas que não tem nenhuma realidade objetiva, o que equivale a dizer que se pode negar o conhecimento. Assim surge o cepticismo. Ou pode se admitir que a correspondencia entre espirito e fenomenos é baseada sobre um fundamento comum, mas negar que esse fundamento em si seja conhecido. Assim surge o criticismo kantiano. Acho que dei suficientes exemplos para ilustrar de que forma o ~~maximo~~ pensamento ocidental se divide e envolve, depois de ter abandonado a base comum da fé criata, neste caso representada pelo fundamento divino e real que possibilita a correspondencia entre o espirito e o mundo. E acho também que illustrei que todas ~~essas~~ correntes de pensamento que resultam do abandono da base comum, continuam sendo no fundo cristas, por serem meras variacoes sobre o tema cristao da verdade e do conhecimento.

Para o temperamento da nossa geracao todas essas especulacoes epistemologicas tem um aroma levemente arcaico. Não quero dizer que o idealismo, o materialismo, o pragmatismo, o kantianismo sejam mortos e enterrados, não, estão todos ainda conosco, e a sua força reside, em nossos dias, justamente nas contribuicoes que oferecem para a teoria do saber, muito mais de que em argumentos metafisicos ou eticos. Mas toda essa discussao perdeu algo de sua frescura e de seu brilho que possuia nos seculos dezoito e dezenove. A teoria do saber, os problemas do conhecimento e da verdade, não estão mais tanto no centro do interesse das nossas elites educadas. Isto porque, creio, perdemos de tal forma a fé em tudo, que perdemos inclusive a fé na nossa capacidade de alcançar a verdade sem fé, e na nossa capacidade de poder provar que a verdade não pode ser alcançada sem fé, perdemos a fé no conhecimento e no cepticismo. Somos, portanto, incapazes de abraçar sinceramente qualquer teoria do conhecimento, inclusive o cepticismo. Repito o que disse em outro contexto na ultima quarta feira: a nossa perda de fé e tal que estamos voltando para ela pela porta de fundos.

Sao tres as causas imediatas do nosso desencanto com os problemas da epistemologia. A primeira é o rumo que tomou a ciencia pura em nossos dias. A segunda é o aperfeicoamento da logica formal. A terceira é a reorientacao dos nossos interesses filosoficos devida ao existencialismo e á fenomenologia. Gracias a essas tres causas os nossos conceitos de conhecimento e de verdade sofreram o forte abalo, abalo tao fundamental que somos forçados a examinar-lhes os fundamentos periclitantes, justamente o cristianismo. Nao chegou ainda a hora nesta serie de discussoes de analisar mais profundamente essas tres causas. Limitarei-me portanto a menciona-las rapidamente. A ciencia pura provou experimentalmente que há um limite para o metodo do conhecimento, além do qual ele deixa de funcionar, em outras palavras a ciencia provou cientificamente a sua propria incompetencia como metodo de alcançar uma visao total do mundo. Certos fenomenos estudados pela fisica nuclear, por exemplo, nao podem ser postos em correspondencia ponto por ponto com o espirito, eles conservam uma ambiguidade irreductivel. Vou dar dois exemplos: Há processos que podem ser considerados tanto como sendo particulas, quanto como sendo ondas. Em outras palavras podem ser compreendidas de duas maneiras diferentes, o que equivale dizer que nao podem ser compreendidas. Essa impossibilidade de comprensao nao provem de uma falta de informacao ou de uma falha de interpretacao, muito pelo contrario, provem de um excesso de informacao e de um aperfeicoamento excessivo de interpretacao, nao se trata portanto de uma impossibilidade de comprensao passagira, mas definitiva. O outro exemplo que darei é o seguinte: Em certos processos nucleares acontece que particulas pulam de uma orbita para outra sem percorrer o espaco entre as duas orbitas e sem gastar tempo para o pulo. Isto está em flagrante contradicao com as leis que regem o nosso espirito e portanto nao pode ser compreendido. Nao se trata aqui de uma falha nas nossas observacoes, nem de uma falha das nossas interpretacoes. Muito pelo contrario, esses pulos incompreensiveis sao necessarios para satisfazer ás nossas equacoes matematicas altamente exatas. Em outras palavras, as leis do nosso espirito estao sendo violadas justamente para poderem funcionar. Se assumissemos que esses pulos nao sao feitos, teriamos que assumir que o nosso metodo matematico de conhecimento está falho. Portanto, tambem neste caso, se trata de uma impossibilidade de conhecimento definitiva.

Estas consideracoes sao inteiramente novas e nada tem em comum com o classico cepticismo. O cepticismo tenta provar a impossibilidade do conhecimento ex definitione. A ciencia atual prova a limitacao de conhecimento pelo proprio excesso de conhecimento. É isto que exige de nossa mente um esforco radicalmente novo.

A logica moderna quebrou o circulo magico dentro do qual a logica classica sempre se movia, mas quebrou-o de uma forma muito pouco agradavel. O problema classico da logica era: sendo as leis, que regem o espirito, de carater formal, como se explica a possibilidade de novos conhecimentos? Em outras palavras, tendo as leis um carater tautologico, como é possível um pensamento rigorosamente logico que nao seja tautologia? Ou, para falar com Kant Existem julgamentos sinteticos a priori? Nao falarei aqui das respostas fascinantes que o pensamento europeu forneceu a essa pergunta inquietante, e nao resuscitarei aqui a eterna discussao entre realistas e nominalistas. A logica atual nega o carater tautologico das leis da logica, dando-lhes um carater flutuante e variavel. A logica moderna se funde com a matematica de um lado, com a gramatica do outro, para formar uma unica corrente de regras flutuantes de acordo com as quais simbolos de diversos graus de significado se agrupam. A logica nada perde se sua rigorosidade, mas perde o seu valor como medida e controle de uma verdade objetiva. Ela confessa, em outras palavras, a sua incompetencia para descobrir, se uma sentenca ou uma conclusao sao verdade, e nao ser dentro de uma dada camada de simbolos, dentro de uma certa classe de classes. A transferencia de uma sentenca de uma camada para outra, por exemplo da camada da linguagem comum para a linguagem matematica, envolve uma traducao de uma serie de regras para outra, e nessa traducao o conceito da verdade se evapORIZA. O que é verdade na linguagem artistica, por exemplo, nao o é necessariamente na linguagem scientifica, e assim por diante. Cada camada tende a ser subdividida em novas camadas, e assim a verdade se evapORIZA e atomiza de tal forma, que a sua propria nocao se perde. É com a nocao da verdade se perde, evidentemente, a nocao do conhecimento. Nao se trata aqui de duvidar da possibilidade de conhecimento, o problema é mais profundo. Trata-se aqui de duvidar se a nocao "conhecimento" tem significado, se é um simbolo autentico ou simplesmente um sinal sem significado.

O existencialismo e a fenomenologia trazem para o problema da corresponden-

Cristianismo 4.

cia entre o espírito e o fenômeno uma atitude nova e a primeira vista alheia ao ocidente e ao cristianismo. É a atitude da compreensão imediata, da visão da coisa, da vivência, ou qualquer que seja o nome dado a esse processo de interpenetração entre espírito e fenômeno, que pode ser chamado de conhecimento somente se mudarmos completamente todos os nossos conceitos tradicionais de epistemologia. Não se trata mais de um processo ordenado e progressivo do nosso espírito, trata-se de uma capacidade diferente e esquecida pelo Ocidente durante quase toda a sua história, da capacidade da submissão passiva e paciente do espírito a si mesmo. Terei muito a dizer sobre esse complexo de problemas futuramente. De qualquer forma, vista a partir dessa filosofia toda a epistemologia assume um caráter diferente, e problemas como materialismo, idealismo e tomismo perdem seu verdadeiro significado, tornam-se inautênticos, para falar na linguagem moderna.

Resumo em poucas palavras, o que tenho dito do conhecimento: Esse conceito veio até nós na sua forma cristã, sofreu diversas transformações, para entrar, em nossos dias, em crise. Entrou naquela crise que caracteriza todo o nosso pensamento.